

O ensino do salto com vara na Educação Física escolar: possibilidades da prática pedagógica

The teaching of pole vault in school Physical Education: possibilities of pedagogical practice

SEVERINO, C. D.¹; MAGALHÃES, C. R.¹

1 – UniFOA, Centro Universitário de Volta Redonda, Volta Redonda, RJ.
claudiodelunardo@gmail.com

RESUMO

O objetivo do presente estudo foi investigar as possibilidades do ensino do salto com vara nas aulas de Educação Física. Para isso, desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica de caráter descritivo na qual procurou-se o apoio de publicações científicas para o estabelecimento de um aprofundamento para uma análise e a interpretação do tema estabelecido. Como conteúdo das aulas de Educação Física, o Atletismo é visto como um contributo para o desenvolvimento do indivíduo, principalmente no ensino fundamental, quando o corpo das crianças e pré-adolescentes está melhor capacitado quanto ao desenvolvimento de habilidades motoras. Nesse cenário, em se tratando de uma prova específica como o salto com vara, existem alguns procedimentos metodológicos sugeridos que possuem como característica principal a exploração dos movimentos específicos da modalidade. Nessa perspectiva, o ensino do salto com vara de maneira lúdica e atrativa nas aulas de Educação Física escolar pode representar uma importante ferramenta no sentido de contemplar não somente as habilidades motoras, mas também as necessidades biológicas e sociais dos alunos.

Palavras-chave: Atletismo. Salto com vara. Educação Física. Escola.

ABSTRACT

The objective of the present study was to investigate the possibilities of the teaching of the pole vault in the classes of Physical Education. For this, a bibliographic research of a descriptive character was developed in which the support of scientific publications was sought for the establishment of a deepening for an analysis and the interpretation of the established theme. As a content of

Physical Education classes, Athletics is seen as a contribution to the development of the individual, especially in elementary school, when the body of children and pre-adolescents is better able to develop motor skills. In this scenery, in the case of a specific test such as pole vault, there are some suggested methodological procedures that have as main characteristic the exploration of the specific movements of the modality. In this perspective, the teaching of pole vault in a playful and attractive manner in the classes of Physical Education can represent an important tool in contemplating not only the motor skills, but also the biological and social needs of the students.

Keywords: Athletics. Pole Vault. PE. School.

1. INTRODUÇÃO

Na Educação Física escolar, percebe-se o Atletismo como um dos possíveis conteúdos a serem desenvolvidos nas aulas pois, de acordo com Nascimento (2010), essa modalidade esportiva apresenta como características o significado do corpo em movimento e a especificidade da representação de um agrupamento de movimentos naturais. No entanto, conforme observam Netto e Pimentel (2009) e Pieri e Huber (2013), há tempos o Atletismo vem se distanciando do espaço escolar e essa condição em diversas ocasiões é justificada pela inadequação do espaço físico, pela falta de materiais em condições de desenvolver as peculiaridades da modalidade e, principalmente, a falta de motivação dos professores.

Pieri e Huber (2013) consideram que o Atletismo, se desenvolvido como conteúdo das aulas de Educação Física, pode representar uma relevante contribuição para o aprimoramento de movimentos específicos que podem ser empregados na prática de outras modalidades esportivas, mesmo a considerar que, apesar disso, ele - o Atletismo - possua suas próprias inerências (MATTHIESEN, 2007). Complementa-se essa observação com a afirmação de que o Atletismo, praticado por crianças e jovens, oportunizará experiências que servirão de contributo para o seu desenvolvimento motor (PIERI; HUBER, 2009).

Não obstante, Oliveira e Santos (2008) compreendem que apesar da ausência de uma estrutura que possibilite ao docente o desenvolvimento adequado de um

trabalho, o Atletismo pode - e deve - ser incluído nos planejamentos, já que se trata de uma modalidade que não requer instalações e materiais sofisticados, podendo estes serem adaptados ou confeccionados com materiais alternativos. Segundo os mesmos autores, o Atletismo no ambiente escolar deve ser percebido como uma possibilidade de contemplação de gestos motores básicos (correr e saltar, por exemplo) por meio de suas atividades específicas, mesmo que com a utilização de espaços e materiais improvisados.

Nos Jogos Olímpicos de 2016, disputados na cidade do Rio de Janeiro, o Brasil conquistava, até certo ponto de maneira surpreendente, a medalha de ouro na prova do salto com vara masculino, quando Thiago Braz venceu, entre outros, o francês Renaud Lavillenie, o favorito da prova. Ao estabelecer a marca de 6,03 m, recorde olímpico, o atleta brasileiro escrevia uma bela página da história do esporte brasileiro e, também, apresentava a uma boa camada da população brasileira essa que é uma das provas mais complexas do Atletismo, pois essa se caracteriza pela necessidade de uma habilidade considerável na corrida, no salto e na ginástica (PIA; GRAUR, 2015). Além disso, o salto com vara também é representado por uma troca substancial de energias, a cinética e a gravitacional, além da energia potencial do atleta pela energia de tensão da vara (LINTHORNE; WEETMAN, 2012).

Entretanto, mesmo a considerar a complexidade da prova e, também, as dificuldades diversas vezes encontradas pelos professores no que tange às condições do espaço físico e dos materiais didáticos disponíveis, não seria possível apresentar o salto com vara como um dos conteúdos das aulas de Educação Física em ambiente escolar?

O presente estudo apresenta como objetivo investigar as possibilidades do ensino do salto com vara nas aulas de Educação Física. Nesse sentido, desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica de caráter descritivo na qual procurou-se o apoio de publicações científicas para o estabelecimento de um aprofundamento para uma análise e a interpretação do tema estabelecido.

O estudo se justifica pela possibilidade da elaboração de um material contendo informações que possam auxiliar os professores de Educação Física quanto ao processo de ensino e de aprendizagem do salto com vara no espaço escolar.

2. Salto com vara: conceitos e abordagens

Para uma melhor compreensão do tema pesquisado, faz-se necessária uma descrição aprofundada do salto com vara e a distinção das suas fases, além de uma breve explanação de sua história.

Segundo Freitas (2009), o salto com vara se originou a partir da necessidade do homem em explorar as possibilidades de movimentos a favor de sua sobrevivência. Alguns registros históricos indicam que o ato de transpor um obstáculo a certa altura com o auxílio de uma vara ocorreu em diversas localidades, de acordo com os objetivos, as necessidades e as características culturais de cada povo.

Figura 1 – Salto com vara sobre cavalos



(FREITAS, 2009)

Nos tempos atuais, a prova do salto com vara é disputada por ambos os sexos, mas, como lembra Matthiesen (2007), acerca das mulheres ela somente passou a fazer parte do calendário de campeonatos mundiais em 1999 e de Jogos Olímpicos em 2000. Em relação aos homens, o salto com vara faz parte da programação dos Jogos Olímpicos desde 1896.

Matthiesen (2007) observa ainda que na evolução do salto com vara, o aperfeiçoamento, bem como o tipo de material empregado para o fabrico da vara sofreram alterações significantes. No decorrer do tempo, a vara inicialmente era confeccionada de bambu, sendo posteriormente feita de alumínio e, atualmente, sendo utilizada a fibra de carbono para a sua fabricação. No que tange à técnica utilizada, esta também sofreu alterações no decorrer do tempo, sendo esta variável para vara rígida ou flexível. Sobre isso, Schmolinsky (1982) observa que a introdução

de novas varas, de grande flexibilidade, transformou de maneira considerável tanto a técnica utilizada como também a metodologia de treinamento do salto com vara.

Acerca de suas fases, Matthiesen (2007) aponta que a técnica básica do salto com vara é dividida em etapas, sendo elas a empunhadura, corrida e preparação para o encaixe; salto em si (impulsão, elevação, giro e transposição) e queda.

De acordo com Matthiesen (2007), ao realizar a empunhadura, o saltador deverá manter a vara na posição horizontal com a extremidade ligeiramente elevada. Nessa posição inicial, a palma da mão posterior deverá estar voltada para cima, além da flexão do braço em aproximadamente 90°, enquanto o outro braço deverá estar posicionado um pouco adiante da mão oposta, também com o braço em flexão de 90° e com a palma da mão voltada para baixo (Figura 2).

Figura 2 – Empunhadura.



Fonte: Google

Para Schmolinsky (1982), é fundamental para a obtenção de um bom resultado e eficácia da corrida de aproximação. A respeito da corrida, esta deverá ser progressiva, tendo em seu início a vara posicionada do lado oposto ao da perna de impulsão e com a extremidade ligeiramente elevada. É relevante que a velocidade alcançada pelo atleta não seja tão alta quanto uma corrida compreendida como "livre" em função do transporte da vara e, também pela necessidade de precisão quanto ao posicionamento dos pés no decorrer da trajetória (FRÈRE et al., 2010).

No desenvolvimento da corrida, o saltador deverá abaixar a vara gradativamente até o momento do encaixe, tendo o percurso feito entre 18 e 22 passadas (Figura 3), sendo que alguns saltadores optam por dar alguns passos preliminares antes da corrida propriamente dita (SCHMOLINSKY, 1982; MATTHIESEN, 2007). Para Frère et al. (2010), no decorrer dessa fase, o objetivo do

atleta é aumentar gradualmente a energia cinética e, conseqüentemente, a velocidade horizontal. Linthorne e Weetman (2012) indicam que, de modo geral, a opinião admitida por técnicos é que a corrida mais rápida permite ao atleta a realização de um salto mais eficaz, fazendo com que haja a possibilidade de uma diferenciação entre a capacidade de atingir uma grande velocidade e a proficiência em realizar as fases do salto. Por isso, percebe-se a necessidade, de acordo com os autores mencionados, de uma compreensão a respeito das relações entre a corrida, a cinemática do salto, as características da vara, o padrão de trocas de energia e a altura alcançada pelo atleta no processo que envolve o processo de ensino e de aprendizagem do salto com vara. Salienta-se também que, para uma maior eficácia na corrida, faz-se necessário um treinamento alicerçado em uma grande variedade de exercícios com o transporte da vara, acrescentando-se à corrida o salto em um dos pés (FRÉRE et al., 2010).

Figura 3 – Corrida de aproximação.



Fonte: Google

Na perspectiva de Matthiesen (2007), a partir do instante em que o saltador encaixa a vara (Figura 4), realiza-se a impulsão, sendo esta realizada com a perna correspondente à mão da frente e a outra semiflexionada, com a coxa chegando quase à posição horizontal (SCHMOLINSKY, 1982). Após esse momento faz-se a projeção do joelho, iniciando-se a elevação das pernas e do quadril por parte do saltador, conforme Figura 5. Nesse instante, a flexão da vara é caracterizada pela transferência de energia do atleta para a vara. Isso significa que, no decorrer dessa fase, a energia mecânica do saltador é transferida como energia de tensão (FRÉRE et al., 2010).

Figura 4 – Encaixe da vara.



Fonte: Google

Figura 5 – Impulsão.



Fonte: Google

Matthiesen (2007) descreve o salto em si (giro e transposição) a partir da inversão do corpo com as pernas estendidas para cima (Figura 6), sendo executado posteriormente um giro de 180° que possibilitará a transposição do sarrafo (Figura 7). Para Schmolinsky (1982), com a vara flexível, a inversão do corpo ocorre com o corpo de frente para esta, e não em contato. Sobre a transposição, o mesmo autor aponta que a maneira mais adequada é o arqueamento que possibilita que o centro de gravidade permaneça baixo e que o corpo fique em uma distância suficiente do sarrafo. Com o corpo se elevando, ocorrerá uma transferência de energia para a realização da transposição caracterizada pela altura alcançada acima do sarrafo. Frère et al. (2010) observam que, nessa etapa, a energia de tensão da vara é transferida para o saltador sob forma de energia potencial, possibilitando assim a sua elevação.

Figura 6 – Inversão do corpo com as pernas estendidas para cima.



Fonte: Google

Figura 7 – Transposição.



Fonte: Google

Sobre a queda, Matthiesen (2007) afirma que mesmo em alturas menores, a utilização dos colchões é indispensável para a realização do salto, a considerar a altura transposta e a conseqüente queda do atleta, de costas no colchão. A respeito da queda propriamente dita, o seu procedimento é realizado na sequência dos movimentos anteriores que representam o salto com vara, com o atleta caindo em decúbito dorsal em um colchão especial (Figura 8).

Figura 8 – Queda.



Fonte: Google

3. O ensino do Atletismo nas escolas

A respeito do ensino do Atletismo no espaço escolar, Ramos et al. (2016) apontam que o seu processo de ensino e de aprendizagem não deve descaracterizá-lo, entretanto, torna-se necessário por parte do docente a compreensão da necessidade da utilização de recursos que possibilitem aos discentes o contato com a modalidade, a considerar as limitações físicas e técnicas destes. É importante observar que, nesse processo, o objetivo não é treinar os alunos e transformá-los em atletas com ótimo desempenho em competições, mas compreender o Atletismo de maneira agradável, saudável e com a participação efetiva de todos os envolvidos.

Na condição de conteúdo das aulas de Educação Física em todas as etapas da Educação Básica, o Atletismo representa um fenômeno social, pois dele emergem discussões e ações voltadas para a integração, para a formação de um pensamento crítico, e o fortalecimento de aspectos culturais, fundamentados em princípios pedagógicos e metodológicos que contribuem para o processo de ensino e de aprendizagem e para o desenvolvimento global dos alunos (ANDRADE; COUTINHO, 2007).

Ao se pensar no Atletismo sendo desenvolvido nas escolas, novamente vem à tona a questão que envolve os espaços físicos e os materiais didáticos (ou a falta deles). Sobre essa questão, Mariano et al. (2014) lembram a necessidade de uma diversidade de ações que são necessárias para que os alunos não sejam impossibilitados de conhecer a modalidade e as suas especificidades. Assim, torna-se fundamental que o ambiente e os materiais a serem utilizados sejam adaptados,

além da aplicação de jogos e atividades que propiciem a participação de todos os alunos (MATTHIESEN, 2007; MARIANO et al., 2014).

Muitos estudos mostram que as escolas da atualidade não possuem estrutura e materiais para o ensino da modalidade do Atletismo, tornando sua prática cada vez menos frequente, porém, isso não impede que os profissionais de Educação Física façam com que as crianças aprendam a gostar deste lendário esporte e com isso contribuir para o processo de ensino aprendizagem cognitivo, pois o mesmo provoca no aprendiz um elo entre todas as informações sensoriais e neurais para a assimilação dos gestos técnicos referentes à parte motora (AGÁPITO; CORDERO, 2015, p. 129).

Para Agápito e Cordero (2015), o Atletismo é visto como um contributo para o desenvolvimento do indivíduo, principalmente no ensino fundamental, quando o corpo das crianças e pré-adolescentes está melhor capacitado quanto ao desenvolvimento de habilidades motoras. E sobre isso, os mesmos autores destacam correr, saltar, arremessar e cair como habilidades desenvolvidas a partir da prática do Atletismo.

Mas o Atletismo é desenvolvido nas escolas?

Agápito e Cordero (2015) também mencionam em seus estudos que o Atletismo é pouco desenvolvido no espaço escolar em função de dois fatores. O primeiro, já mencionado, a carência de materiais adequados e espaços físicos condizentes com a prática da modalidade. Além disso, apresenta-se também a falta de fascínio por parte dos alunos, que invariavelmente optam pela prática de modalidades esportivas que utilizam a bola. Quanto a isso, Matthiesen (2008) afirma que para que haja o interesse por parte dos alunos em relação à prática do Atletismo, faz-se necessária a inclusão das atividades lúdicas baseadas nas habilidades motoras básicas, além do conhecimento específicos das provas inerentes da modalidade esportiva em questão.

Em consonância com a autora supramencionada e em se tratando do ambiente escolar, nota-se que o Atletismo deve, de acordo com Pieri e Huber (2013), ser compreendido inicialmente como um "pré-atletismo", onde por intermédio de atividades recreativas, os gestos motores básicos possam ser contemplados, caracterizando, assim, a inclusão do Atletismo como conteúdo das aulas. Ressalta-se que o processo de ensino e de aprendizagem por meio de atividades lúdicas pode

significar uma possibilidade de aquisição de informações para os alunos, inclusive aqueles considerados menos habilidosos, fato que representará um contributo para a formação de todos.

4. É possível ensinar o salto com vara nas escolas?

Se em um contexto geral o Atletismo nem sempre representa um conteúdo a ser desenvolvido nas aulas de Educação Física, uma prova como o salto com vara pode ser considerada como uma situação bastante incomum no espaço escolar (FREITAS, 2009). Uma das razões para a sua quase inexistência no contexto das aulas de Educação Física é, segundo o referido autor, é a concepção de que o salto com vara é uma prova que somente é praticada por atletas muitíssimo bem preparados por técnicos altamente especializados e com o auxílio de equipamentos caros.

Segundo Matthiesen et al. (2008), a possibilidade do ensino de uma prova como o salto com vara está amparada na necessidade da compreensão de que abordar unicamente o que é referente ao Atletismo não é o suficiente. Os mesmos autores citam como exemplo a realização de uma pesquisa que abordasse os aspectos tradicionais do Atletismo e as inerências de cada local, de forma regionalizada. Em outras palavras, será que a técnica desenvolvida por um atleta brasileiro é semelhante à de um saltador francês? Ou, ainda, como será a preparação de ambos? Qual é a reação de cada um diante do desenvolvimento de uma competição?

Andrade e Coutinho (2007) afirmam que em se tratando do ensino do Atletismo, bem como uma prova específica como o salto com vara, existem alguns procedimentos metodológicos sugeridos que possuem como característica principal a exploração dos movimentos específicos da modalidade. Não obstante, os referidos autores percebem a existência de incertezas quanto ao processo de ensino e de aprendizagem do Atletismo, pois este pode apresentar considerável desenvolvimento, mesmo que de forma lúdica, desde que em consonância com as dimensões conceitual, atitudinal e procedimental.

Acerca do processo de ensino e de aprendizagem do salto com vara, nota-se a necessidade de, inicialmente, apresentar, em uma dimensão conceitual, a prova

aos alunos os aspectos culturais, sociais e físicos que a caracterizam. Freitas (2009) ao abordar a relevância da apresentação do conteúdo em uma dimensão conceitual, a justifica como uma oportunidade de contextualizá-lo no sentido de oportunizar aos alunos a compreensão da sua origem e as alternativas de adaptação das práticas corporais.

Com o intuito de oportunizar aos alunos a aquisição de algumas técnicas referentes ao salto com vara (dimensão procedimental), Freitas (2009) sugere algumas atividades que podem ser aplicadas no decorrer das aulas de Educação Física, por exemplo, orientações relacionadas ao modo correto de empunhar a vara. Ressalta-se que para essas atividades, as varas podem ser feitas a partir de bambus ou cabos de madeira, não havendo, por questões evidentes e já mencionadas, a necessidade da utilização de varas em acordo com as regras oficiais da prova. Para o ensino do salto com vara nas escolas, a melhor opção é, baseando-se na segurança e custo do material, a utilização de varas de bambu (FREITAS, 2009). Para a confecção das varas de bambu, o autor mencionado sugere que estas devem medir entre 2 e 2,5 metros, adequando-as ao ensino da prova, com o encaixe feito próximo aos pés e não permitindo o salto em alturas elevadas, o que poderia comprometer a segurança dos alunos. Matthiesen (2005) complementa com a afirmação de que o ensino de uma prova como o salto com vara no espaço escolar deve ser realizado sem a necessidade de um objeto real a ser transposto, apenas com o conhecimento do material a ser utilizado em aula, assim como o seu manuseio.

Em relação aos procedimentos didáticos voltados para o desenvolvimento de habilidades específicas do salto com vara, Meurer et al. (2008) reforçam a preocupação que o docente deve ter em não priorizar as inerências da prova baseando-se na modalidade institucionalizada, com ênfase na técnica apurada e regras oficiais. Tal método pode acarretar em uma falta de interesse por parte dos alunos e, pior, a exclusão daqueles que são considerados menos habilidosos.

Após a realização de atividades relacionadas à empunhadura, a corrida de aproximação pode ser desenvolvida a partir de atividades lúdicas, jogos de estafeta e trotes em pequenas e médias distâncias (10 a 30 metros). Segundo Matthiesen (2007), o objetivo dessas ações é iniciar a prática do salto com vara sem a

necessidade real da transposição sobre o sarrafo ou corda. Ressalta-se que, nessas atividades, pode ser inserido o encaixe da vara com, por exemplo, a solicitação ao aluno para que, próximo a um determinado local após a corrida de aproximação, ele posicione a vara (bambu ou cabo de madeira) no chão, mantendo a empunhadura correta e executando uma pequena impulsão com a perna contrária à mão posicionada acima (MATTHIESEN, 2007).

A impulsão, ainda em uma dimensão procedimental, é apresentada aos alunos a partir de atividades de simples execução. Por exemplo, com a utilização do bambu ou cabo de madeira, saltar sobre um pequeno obstáculo formado por cones ou marcações feitas no chão. Nesse caso, não há um grau de dificuldade alto, já que a altura do obstáculo não é elevada. O objetivo dessa atividade é oportunizar aos alunos a transposição de um obstáculo que, segundo Matthiesen (2007), pode ser caracterizado como um "rio".

O salto em si, terceira fase da prova e que é subdividida em impulsão, elevação, giro e transposição (MATTHIESEN, 2007) deve, na perspectiva de Freitas (2009), levar em consideração a construção e utilização das áreas de encaixe da vara e de queda, necessárias para a execução do salto com vara. A área de encaixe pode ser elaborada a partir de uma fenda cavada no chão e com tijolos ou outro objeto sólido que possa servir de alvo no instante do salto. A respeito da área da queda, o emprego de colchões ou grandes pedaços de espuma é primordial para a execução do salto, já que uma queda realizada em solo rígido poderá ocasionar lesões sérias nos alunos. Sobre isso, Freitas (2009) sugere que a construção das áreas seja realizada pelos alunos separados em grupos e com as ações sendo supervisionadas pelo professor.

Cabe destacar que, nessa etapa, as atitudes, trabalhos em grupo, a cooperação e a solução de possíveis problemas estão condicionados à dimensão atitudinal. Segundo Darido (2012), mesmo que nem sempre esta dimensão ocorra com a presença do professor, é importante que o seu emprego seja sempre compreendido como um objetivo que muito poderá enriquecer o trabalho docente.

Quanto ao desenvolvimento do salto em si, sugere-se atividades como saltar com o auxílio da vara sobre as linhas da quadra ou feitas com giz, impulsionando-se em apenas uma das pernas, sem o giro. Após essa atividade, acrescentar a

necessidade do giro no momento da elevação. Essa atividade pode posteriormente ser executada a partir de um plano mais elevado, por exemplo, os primeiros degraus da arquibancada ou uma mesa de concreto. Nesse caso, a altura a ser transposta, indicada por uma corda, elástico ou barbante, deve ser um pouco maior, mas a uma marca em que todos os alunos sejam capazes de executar a transposição com êxito (MATTHIESEN 2007; FREITAS, 2009). Após a realização das ações mencionadas, o professor pode, de acordo com as possibilidades da turma, oportunizar aos alunos o salto com vara após a corrida aproximação e o encaixe da vara sendo realizado. Essa ação deve ser sempre vinculada à percepção de que a altura da corda não deve ser muito elevada.

Após a construção da área de queda pelos alunos, a última fase do salto com vara poderá ser apresentada aos alunos. A respeito da queda, sugere-se atividades que, de acordo com Freitas (2009), contribuam para a compreensão dos alunos a respeito da realização de pequenas quedas em áreas distintas. Por exemplo, saltando de uma certa altura até a quadra, com queda sobre ambas as pernas, com flexão dos joelhos. Com o auxílio de colchões, realização do salto de costas a partir de uma altura determinada pelo professor e que possa garantir a segurança e a possibilidade de realização da ação por parte de todos os alunos.

5. Considerações finais

Apesar da ausência de uma estrutura que possibilite ao docente o desenvolvimento adequado de um trabalho, o Atletismo pode ser incluído nos planejamentos pois se trata de uma modalidade que não necessita de materiais sofisticados e espaços totalmente adequados. Isso significa que mesmo com materiais e espaços improvisados, o ensino de uma prova como o salto com vara pode contribuir de maneira expressiva para o desenvolvimento global dos alunos.

As limitações vinculadas a um espaço adequado indisponível ou a ausência de materiais específicos para a prática do salto com vara não devem ser encaradas como obstáculos, mais sim como desafios para que o professor tenha êxito ao apresentar aos seus alunos o Atletismo e as suas diferentes provas. Por mais elevado que seja o grau de complexidade da realização dessa ação, compete aos

docentes despertar a curiosidade e a motivação dos seus alunos, contribuindo para seu desenvolvimento pleno.

Na condição de conteúdo das aulas de Educação Física em ambiente escolar, o Atletismo deve ser percebido como uma proposta educacional voltada para a aprendizagem e o desenvolvimento das habilidades motoras básicas dos alunos, para mais, um valioso contributo para a formação dos alunos quanto ao âmbito social. Nessa perspectiva, o ensino do salto com vara de maneira lúdica e atrativa nas aulas de Educação Física escolar pode representar uma importante ferramenta no sentido de contemplar não somente as habilidades motoras, mas também as necessidades biológicas e sociais dos alunos.

A presente pesquisa não deve ser considerada como concluída, tendo em vista a percepção de que as atividades aqui propostas necessitam ser aplicadas em um outro momento para que os resultados obtidos possam ser avaliados sob um olhar mais fundamentado.

Referências

AGÁPITO, Cleidiane Mateus; CORDERO, Osvaldo Garcia Homero. **O atletismo como alternativa metodológica nas aulas de educação física**. Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente, v. 6, n. 1, p. 123-134, jan-jun, 2015.

ANDRADE, Alessandro Domingos Barbosa; COUTINHO, Nilton. **Atletismo na escola: é possível?** 2007. Disponível em: <<http://www.unaerp.br/revista-cientifica-integrada/edicoes-antiores/volume-2-edicao-4/2053-atletismo-na-escola-e-possivel/file>>. Acesso em: 28 maio 2018

DARIDO, Suraya Cristina. **Caderno de formação: formação de professores/didática dos conteúdos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012

FREITAS, Fernando Paulo Rosa de. **O salto com vara na escola: subsídios para o seu ensino a partir de uma perspectiva histórica**. Rio Claro: UNESP, 2009. 189 f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Motricidade Humana da UNESP, Universidade Estadual Paulista, 2009

FRÈRE, Julien. et al. **Mechanics of pole vaulting: a review**. Sports Biomechanics, v. 9, n. 2, p. 123-138, 2010

LINTHORNE, Nicholas; WEETMAN, Gemma. **Effects of run-up velocity on performance, kinematics, and energy exchanges in the pole vault**. Journal of Sports Science and Medicine. vol. 11, p. 245-254. 2012

MARIANO, Rodolfo Cesar et al. **O ensino do atletismo na Educação Física Escolar: o que mudou a partir da proposta curricular do Estado de São Paulo?** EFDeportes.com, Revista Digital, Buenos Aires, ano 19, n. 193, set. 2014.

MATTHIESEN, Sara Quenzer (Org.). **Atletismo se aprende na escola**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2005.

_____. **Atletismo: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007

_____ et al. **Atletismo na escola**. Motriz. Rio Claro, v. 14, n. 1, p. 96-104, jan./mar. 2008.

MEURER, Simone Terezinha et al. **Atletismo na escola: uma possibilidade de ensino**. EFDeportes. com, Revista Digital, Buenos Aires, ano 13, n. 120, maio. 2008.

NASCIMENTO, Marilândia do. **Contribuições da inclusão do Atletismo no currículo escolar do ensino fundamental**. Ágora – revista de divulgação científica, Mafra, v. 17, n. 2, p. 94-108. 2010.

NETTO, Reynaldo Seifert; PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. **O ensino do atletismo nas aulas de Educação Física**. 2009. Disponível em:

<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/804-4.pdf>>. Acesso em: 25 maio.2018

OLIVEIRA, Irineu Teixeira de; SANTOS, Sérgio Luiz Carlos dos. **Atletismo escolar: Uma proposta de utilização no planejamento anual das 5ª séries do ensino fundamental**. 2008. Disponível em:

<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1836-8.pdf>>.

Acesso em: 27 maio 2012.

PIA, Simona Fagaras; GRAUR, Cristian. **Study regarding the speed analysis on approach at junior III, pole vault salt.** Procedia - Social and Behavioral Sciences, n. 197, p. 426-429, 2015.

PIERI, Anderson de.; HUBER, Marcos Paulo. **A utilização do atletismo na educação física escolar como base para o desenvolvimento motor.** EFDeportes. com, Revista Digital, Buenos Aires, ano 17, n. 178, set. 2013

RAMOS, Anastácio Vieira et al. **O ensino dos saltos na educação física escolar: construções didático-pedagógicas.** REMAS - Revista Educação, Meio Ambiente e Saúde, Manhuaçu/MG, v. 6, n. 3, p. 54-56, out. 2016

SCHMOLINSKY, Gerhardt. **Atletismo.** Lisboa, Portugal: Editorial Estampa, 1982.